



PRETA, POBRE, PERIFÉRICA E GRÁVIDA: A MATERNIDADE CRIMINOSA EM *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA BARRETO

Black, poor, peripheral and pregnant: criminal motherhood in *Clara dos Anjos*, by Lima Barreto

Thaís de Matos Barbosa¹

<https://orcid.org/0000-0002-6655-1409> 

Gleza Alves de Melo¹

<https://orcid.org/0000-0003-0726-5522> 

¹Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, João Pessoa, PB, Brasil.
58051-900 – ppgcr@ce.ufpb.br

Resumo: O corpo da mulher preta, há tempos, representa o lugar do imaginário da violência de gênero, onde esta mulher-fruta, “comestível” e “violável” permanece em um imaginário perpassado por uma representação estereotipada na sociedade. O presente trabalho apresenta uma discussão teórica a respeito do papel da mulher preta na sociedade do século XIX pós-abolicionista, cuja visão escravocrata e possessiva ainda era bastante evidenciada, bem como do seu corpo, virgindade e maternidade, na obra *Clara dos Anjos*, do autor pré-modernista Lima Barreto. O presente estudo, de cunho bibliográfico e de revisão teórica, tem como objetivo principal analisar o papel da protagonista Clara dos Anjos e a violência a que ela é submetida. Essa violência inclui o defloramento e a gravidez indesejada, sendo o resultado da sua origem pobre, humilde e de sua cor. Seu algoz, Cassi Jones, é um homem branco de origem mais elitista, e o abuso que ele comete é reforçado pela atitude de sua família. O trabalho, ao discutir esses pontos, visa evidenciar as mazelas de uma sociedade na qual o corpo da mulher negra era historicamente desvalorizado e visto como um objeto sem valor

Palavras-chave: *Clara dos Anjos*; Lima Barreto; racismo; maternidade; virgindade.

Abstract: The body of the black woman has long represented the imaginary place of gender violence, where this fruit-like woman, “edible” and “violable”, remains in an imaginary permeated by a stereotypical representation in society. This paper presents a theoretical discussion about the role of the black woman in the post-abolitionist 19th century society, whose slave-owning and possessive vision was still quite evident, as well as about her body, virginity and motherhood, in the work *Clara dos Anjos*, by the pre-modernist author Lima Barreto. The present study, of a bibliographic and theoretical review nature, primarily aims to analyze the role of the protagonist Clara dos Anjos and the violence she is subjected to. This violence includes defloration and unwanted pregnancy, which are a result of her poor, humble background and her skin color. Her aggressor, Cassi Jones, is a white man of a more elitist background, and the abuse he commits is reinforced by his family's

attitude. By discussing these points, the paper seeks to highlight the maladies of a society in which the Black woman's body was historically devalued and regarded as a worthless object.

Keywords: *Clara dos Anjos*; Lima Barreto; racism; maternity; virginity.

Introdução

Lima Barreto foi um escritor do início do século XX, mais precisamente no que se conhece por período pré-modernista da literatura brasileira. Ao contrário dos autores de sua época, cuja literatura pautava-se pelo processo de “arte pela arte”, fruto de uma concepção parnasiana, este autor produziu uma literatura de forte engajamento social e político, denunciando as condições em que, principalmente, negros periféricos viviam após à abolição da escravidão no Brasil.

A obra em questão, *Clara dos Anjos*, foi publicada, de maneira completa, em 1922, de maneira póstuma. Por ser oriundo de uma família de origem humilde e também preta, pobre e suburbana, o autor imprimiu em sua literatura características ligadas à denúncia social da condição das pessoas que foram expulsas do antigo centro do Rio de Janeiro para as periferias cariocas – chamadas de subúrbios – para viverem em condições ainda mais precárias do que as que viviam anteriormente.

Clara dos Anjos se tornou uma obra de denúncia da condição social da população negra na sociedade pós-abolicionista, em que as desigualdades sociais se tornam gritantes diante dos olhos daqueles mais críticos ao sistema. Essa obra se debruça sobre diversas temáticas que, bem como nos dias de hoje, merecem o destaque devido: relacionamentos interraciais, com o enfoque em teorias racistas, questões acerca do branqueamento e a impossibilidade de ascensão social daqueles oriundos da libertação dos escravos.

Clara dos Anjos: quem era ela?

A personagem principal, Clara dos Anjos, é uma menina negra e pobre, cujos pais – descendentes de escravos – educam com muito rigor. Filha de um carteiro, Joaquim dos Anjos, e de D. Engrácia, esta é comumente descrita como uma moça que herdou a característica de ambos os pais: “o carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe” (Barreto, 2012, p. 124).

A menina era criada como uma donzela, com muito cuidado e recato. Em casa, ajudava a sua mãe com os afazeres domésticos e raramente podia sair. Isso apenas acontecia aos domingos à tarde, quando o seu pai ia para a jogatina. Como o acompanhava nas musicatas, desenvolveu também o gosto pelas modinhas, cujo lirismo amoroso impregnava a sua vida, “levando-a a regiões de perpétua felicidade, de amor, de satisfação, de alegria” (Barreto, 2012, p. 149).

Só havia um único momento em que era permitido à Clara sair de casa: quando ia às aulas de costura e bordado na casa de d. Margarida, sua vizinha. Às vezes, Clara e D. Margarida iam ao cinema nos dias de domingo, mesmo à contragosto de D. Engrácia. Inconformada ao ver as outras meninas saindo para passear e se divertir, a menina



questionava a sua solidão e isolamento.

Durante o andamento do romance, fica claro que nenhuma aptidão é dada à menina, cuja função se resume a auxiliar “a função do pai, quando solteira, e do marido, quando casada” (Barreto, 2012, p. 218). Mesmo que o pai desejasse muito que sua filha aprendesse a tocar piano, ele precisava priorizar as contas da casa e não possuía meios financeiros para comprar ou alugar o instrumento e, mesmo sabendo tocar outros instrumentos, como a flauta e o violão, nunca os ensinou à Clarinha, como era chamada pelos mais íntimos.

A sua reclusão tinha como intuito preservá-la. Entretanto, a menina constantemente questionava seus pais quanto ao que queriam fazer dela. Lima Barreto (2012, p. 150) nos mostra que Clara dos Anjos perguntava “o que queriam fazer dela? Deixá-la para ‘tia’ ou fazê-la freira? E ela precisava casar-se? Era evidente; sua mãe e seu pai tinham, pela força das coisas, que morrer antes dela; e, então, ela ficaria pelo mundo desamparada?”.

Para Oliveira (2022),

Clara, reduzida ao ambiente doméstico, é caracterizada em ingenuidade, inexperiência e falta de representação da sua própria individualidade social e econômica, [...]. Assim sendo, Lima Barreto afiança ainda que “a filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o seu destino, observar os fatos e tirar lições e conclusões” (Barreto, 2012, p. 220).

O casamento era, para Clara, visto como a única realização social possível para o sexo feminino, nutrindo o desejo ardente de contrair matrimônio e poder ser mãe, esposa e dona do lar em que viveria. Nesse contraponto, o autor coloca a própria mãe de Clara, D. Engrácia, de modo a criticar a construção social da mulher da classe inferior nessa posição: completamente submissa e, em momentos mais desafiadores, era incapaz de tomar qualquer decisão, entregando-as nas mãos da figura masculina.

Por mais que não seja indigno, na obra é possível encontrar diversas mulheres que não exercem quaisquer atividades remuneradas. Para Vasconcelos (1999, p. 125), apenas “o trabalho seria capaz de libertar a mulher dessa condição de apêndice do homem”.

A partir desse ponto, pode-se perceber um ponto importante de denúncia da condição da mulher periférica na sociedade carioca do início do século (e que, facilmente, perpetua-se até os nossos dias). Lima Barreto nos mostra uma desigualdade social extrema, sujeita às mazelas e às injustiças sociais do mundo por ser quem é: preta, pobre, periférica e, sobretudo, mulher.

Clara, que sonhava com o casamento e o amor, conforme as cantigas que ouvia aos domingos, nas jogatinas que o seu pai frequentava, mesmo com uma conduta de recato e cuidado, não era capaz de enxergar que o caminho das meninas de sua cor era marcado por desventuras. Faz-se interessante destacar o papel de Marramaque, seu padrinho, que, ao perceber as aproximações (e intenções maléficas) de Cassi Jones, alerta o pai de Clara:

a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada, e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de



mulher. A priori estão condenadas e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e dos seus para elevar a sua condição moral e social (Barreto, 2012, p. 123).

Lima Barreto, ao apresentar Cassi Jones – homem branco, típico malandro sedutor e que possuía uma condição de vida financeiramente mais sólida e favorável do que Clara – coloca-nos de frente àquele que seria o algoz dessa inocência: a menina é seduzida, deflorada e abandonada à própria sorte. Segundo Oliveira (2022), esse defloramento foi denunciado, evitado, avisado pelos demais personagens, e pelo próprio narrador. Mas, no romance, o literato parece afirmar que esse futuro premeditado seria algo que Clara não pudesse evitar, devido a sua cor, origem de nascimento e ignorância perante as crueldades do mundo.

Cassi Jones era fruto de uma sociedade branca, de classe média, cujo pai, funcionário público, acobertava sempre os crimes que ele cometia de maneira inescrupulosa. Segundo Lima Barreto, o pai ainda possuía algum senso de moralidade, mas era constantemente convencido por D. Salustina, mãe de Cassi Jones, a não lhe causar quaisquer punições. Para Oliveira (2022), o escritor, dessa forma, seguia a premissa de que a culpa pelos desvios de comportamentos morais da sociedade era das mulheres, especialmente mães, independentemente da condição social e racial delas.

Para D. Salustina, ver o seu filho amado casado com pessoas as quais ela considerava indignas e inferiores à sua classe social era algo repugnante a ser sequer imaginado. Segundo Lima Barreto (2012), repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta.

Para Clara, mesmo com todos os cuidados e avisos, era apenas mais uma das vítimas de seu algoz branco e elitista. Desonrada, deflorada, não tinha mais o que fazer a não ser, sendo apenas mais uma vítima da sociedade, mas que, pela cor da sua pele, teria que fazer ainda mais sacrifícios para demonstrar que não era uma moça como as outras, pois já não tinha mais a sua honra e, além disso, ainda tinha a marca da raça sobre si.

Segundo Oliveira (2022),

Clara foi deflorada em sua própria casa, no lugar que sempre esteve para se manter ‘protegida’ dos ‘perigos’ existentes rua a fora. Protegida do quê? De quem? Ela havia perdido aquilo que para a época, era a maior virtude de uma mulher e estava diretamente ligada à sua virgindade: a sua honra. E esse é o “exemplo” ou o ensinamento que Lima Barreto pretende repassar para as “Claras Reais”, que eram afetadas diretamente pelos padrões elitistas e compartilhavam a mesma realidade de Clara dos Anjos (Oliveira, 2022, p. 37).

A realidade da mulher negra em *Clara dos Anjos*: a desigualdade entre os gêneros

A condição da mulher na sociedade brasileira no final do século XIX e início do século XX era desumana e bastante difícil. Entretanto, para as mulheres negras, a questão se tornava ainda mais delicada, posto que a cor de pele ainda era algo que agravava a



condição dessa mulher.

Nóbrega (2022) nos afirma que, na nossa literatura, inúmeras obras nos confrontam com a condição de desigualdade entre os gêneros, ora reforçando, ora negando uma pretensa superioridade masculina. Nesse contexto, Lima Barreto denuncia a condição da mulher sujeitada à condição única de sua vida: o casamento e a vida ao lado da família e dos filhos, submissa às vontades do marido.

Em uma sociedade patriarcal, as posições de poder são bem definidas através de uma hierarquia bem definida entre o papel do masculino e do feminino. Para Nóbrega (2022), de um lado, encontra-se o homem dono da propriedade, e, conseqüentemente, da razão e da lei; de outro lado, a mulher, desprovida de bens, em condição apenas objeta frente ao homem.

Um aspecto que é importante ressaltar na obra quanto ao gênero diz respeito a caracterização dos personagens masculinos. Frente às personagens femininas, cujas funções de vida são completamente apagadas e invisibilizadas, os personagens masculinos sempre possuem diante de si suas funções sociais na obra: o carteiro Joaquim; João Pintor; Seu Nascimento, comerciante e agricultor; Lafões, o guarda das obras públicas. Nesse sentido, Vieira (2020) afirma que

Clara é uma mulata pobre, que vive no subúrbio carioca com seus pais, Joaquim e Engrácia, mulher sedentária e caseira. Joaquim é carteiro de profissão apaixonado por modinhas e tinha devoção pelo instrumento musical violão. Observem, no trecho transcrito, como apenas Joaquim tem identidade, tem uma função social, ao contrário de Clara e Engrácia (Vieira, 2020, p. 14).

Entretanto, ao se referir às mulheres, o autor as coloca em papéis invisibilizados, descaracterizados e sob alcunhas medíocres, tais como “crioula velha” e “empregada” (Barreto, 2012, p. 69), ao se referir à D. Vicência; Clara dos Anjos como “mulata”, “ingênua” e “pobre” (Barreto, 2012, p. 150) e à D. Engrácia como “sedentária” e “caseira” (Barreto, 2012, p. 22).

Mesmo personagens masculinos, como Cassi Jones, que não merecem quaisquer alcunhas que o vangloriem, sendo um algoz, vagabundo e safado, pela sua própria posição social e cor de pele, não encontra qualquer dificuldade em seduzir, deflorar as moças e sair impune de seus atos libidinosos.

Para Vieira (2020), Clara dos Anjos não existe, é apenas um acessório na vida patriarcal. Para Kilomba (2019)

Mulheres negras, por não serem nem brancas nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia branca. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma Outridade dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude, quanto da masculinidade (Kilomba, 2019, p. 190).

Assim, para Gugliotta e Da Silva (2006), mesmo construindo para os seus



personagens negros e periféricos uma vida de infortúnios, o autor acaba por elaborar uma crítica social a partir da responsabilização do meio em que estão inseridos – meio esse de estigma, exclusão e preconceito.

A mulher-fruta: a virgindade e a maternidade do corpo preto em *Clara dos Anjos*

Segundo Perrot (2013), as meninas sempre foram, no século XIX menos desejadas e, segundo a autora, uma prova disso ocorria durante o batismo e o enterro, quando os sinos tocavam mais tempo para os meninos do que o oposto.

Além disso, as meninas, nesse período, eram criadas para o espaço da casa, sendo constantemente vigiadas. Podia-se dizer que a casa era como uma espécie de “jaula”, onde as moças viviam sob observação diligente, aprendendo a serem boas donas de casa: lá, aprendiam a bordar, costurar, cuidar da casa e dos afazeres; em lares mais abastados, a tocar piano e falar francês, de modo a estarem preparadas a conquistar um bom casamento.

Clara dos Anjos, entretanto, questionava esse lugar de incomunicabilidade. Sua mãe, D. Engrácia, não a deixava sair e, quando deixava, era com sua madrinha, d. Margarida, mulher branca e de origem europeia, de modo a salvar a honra de sua filha.

Segundo Nóbrega (2019), meninas negras, de origem humilde, eram postas para trabalhar mais cedo e requisitadas para todo tipo de tarefa doméstica. Por essa razão, a escolarização delas era mais atrasada que a dos meninos. Nesse local, essas meninas sofriam todos os tipos de violência, sendo a sua virgindade tratada como uma cobiça, ou até um prêmio, nesse período da história do Brasil. Vale salientar que o nosso país era majoritariamente católico, tendo como base de pureza, moral e conduta Nossa Senhora, mãe do menino Jesus, concebido sem pecado. Dessa forma, proteger a pureza, inocência e honra dessas meninas era quase como uma obsessão nessas famílias, pois, uma vez defloradas, elas eram vistas como “mulheres fáceis” ou “mulheres da vida”, tendo, por diversas vezes, recorrer à prostituição como fonte de sustento.

D. Engrácia, mãe de Clara, era descendente de escravos e nascida em uma família de senhores “de terra”. Filha de uma preta chamada de “preta Babá”, que morreu quando ela tinha apenas 7 anos, foi criada com todos os mimos e regalias dos demais filhos do senhor da casa, sendo, muitas vezes, cogitada a possibilidade de que ela, por sua vez, também pudesse ser filha dele, posto que, após a morte dele, toda a família se mudou para a Corte, desfazendo-se dos escravos que tinham, dando-lhes a alforria ou os vendendo, e ficando apenas com os que eles consideravam “da família”.

Tendo passado por todos os tipos de injúria, a mãe de Clara era uma mulher que prendia a filha para que esta não passasse pelas mesmas coisas que viveu. E tudo isso fazia sentido, posto que, segundo Nóbrega (2019), a situação piorava ainda mais ao salientar-se que as leis do século XIX diziam que somente estava suscetível de punição o estupro coletivo. No caso de estupro cometido por uma única pessoa, a mulher era considerada complacente com o ato, pois poderia ter se defendido.



Sendo assim, a virgindade da menina devia ser protegida, visto que era o seu bem mais precioso, um ornamento sagrado de extremo valor. Entretanto, Clara, ao ver-se deflorada e sozinha, entende o excesso de cuidado que sua mãe tinha consigo e se lembrou de outra personagem também humilhada e deflorada por Cassi Jones: Bacamarte, cuja vida foi repleta de humilhações, preconceito e vergonha.

O cuidado excessivo de sua mãe, D. Engrácia, pautava-se nas condições das histórias enraizadas no corpo da mulher negra e mãe. Para Da Silva (2015),

O discurso de Engrácia é perpassado pelas condições históricas que vivenciou em que as mulheres negras eram relegadas aos serviços da casa de seus senhores durante o dia, e à cama durante a noite, onde serviam de amantes para eles à fim de proporcionarem prazer aos seus protetores, [...] (Da Silva, 2015, p. 97).

Por ser fruto de uma vivência de mulher preta e pobre, descendente de escravos, D. Engrácia possui o conhecimento prévio, uma memória aguçada capaz de fazê-la lembrar de tudo o que viveu e, assim, justificar a clausura de sua filha. Contudo, Clara era incapaz de entender, no auge dos seus dezesseis anos, o porquê das atitudes de sua mãe.

Dentro de casa, da sua própria “jaula”, vivia o silenciamento e a solidão – ainda mais aguda na sua negritude. Nesse período, os homens possuíam a liberdade de poderem caminhar e viver suas vidas, ao passo que as mulheres viviam dentro de suas próprias casas, invisíveis e confinadas, de modo a não serem maculadas por malandros safados cujo desejo era apenas a virgindade dessas moças. Na diáspora africana na nossa literatura, segundo Duarte (2009), a personagem feminina tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e repressão: “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”.

Saturnino e Santos (2015), pontuam que as famílias das moças pobres muitas vezes lutavam para reparar a honra perdida, mas os jovens malfeitores, em sua grande parte, tinham famílias poderosas e importantes perante a sociedade e buscavam maneiras de encobrir os crimes de seus filhos para evitar escândalos que viessem manchar a reputação de seus sobrenomes. Era exatamente o que acontecia com Cassi Jones: o silenciamento de Clara, cuja voz era completamente invisibilizada dentro do contexto social em que vivia, e a malandragem de seu algoz, são uma prova exata do que ocorre. Em conversas com seu padrinho Marramaque, pode-se perceber no texto que a Clara possui um discurso neutralizado “Clara até tinha, às vezes, vontade de dizer a seu padrinho: ‘padrinho esse Cassi deve ser muito rico, porque compra a polícia, a justiça’ [...]” (Barreto, 2012, p. 108).

Há que se considerar que, na literatura, advindo de um contexto histórico, de acordo com Duarte (2009)

[...] a condição de corpo disponível vai marcar a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura



brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da *mulier fornicaria* da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz (Duarte, 2009, p. 6).

Ao se ver deflorada e grávida, pensou “que havia de ser dela, agora, desonrada, vexada diante de todos, com aquela nódoa indelével na vida? Sentia-se só, isolada, única na vida” (Barreto, 2012, p. 150). Dentro do contexto tradicional, a maternidade é algo desejado, sonhado, mas, no caso da protagonista, a situação se tornou um pesadelo, sendo temida e repleta de dúvidas, pensamentos e medos.

A personagem, em seus medos e imaginando como seria sua vida, pensa em abortar a criança que esperava: “Imediatamente, o seu pensamento se encaminhou para o “remédio” que devia “desmanchá-lo”, antes que lhe descobrissem a falta. Tinha medo e tinha remorsos” (Barreto, 2012, p. 152). Ela, com isso, ficava em processo dualístico: ora queria livrar-se da criança, a qual seria um problema e que causaria toda uma vergonha em sua vida, ora temia ser uma assassina fria e cruel ao matar uma criança indefesa.

Segundo Araujo (2021),

Uma personagem-título que, criada pela família com superproteção e para ser dona-de-casa, alimentando sonhos romantizados do universo feminino, até mesmo não muito preparada para as lutas que a vida tem, de maneira que, ao ser levada pelos sonhos, acabou ludibriada e caiu em uma situação desesperadora e sofrida (Araujo, 2021, p. 6).

Segundo Nóbrega (2022), ela ficaria com um filho no ventre sendo alvo de vergonha e tortura de seus pais. Ao tentar encontrar uma solução, vê-se encurralada, tendo que confessar a situação à sua madrinha, D. Margarida. Para Gugliotta e Da Silva (2006), Dona Margarida nos informa de um modelo a ser perseguido, não apenas de gênero, mas pelo o que ele qualifica de firmeza do caráter – e não por acaso esta personagem é europeia. Lima sugere que tais virtudes são inatas na personagem e nos outros, no do povo brasileiro, deveria ser educada. Sobre o contexto racial e de gênero, o autor nos informa também que as meninas vítimas de Cassi vivem estigma, não apenas pela cor, mas também pela falta de informação, ou até mesmo de formação.

O que se sabe do desfecho da história é que, após saber da gravidez de Clara, Dona Margarida correu para avisar a mãe da jovem e as três em seguida partiram em busca da casa de Cassi Jones a fim de que o pai assumisse a criança e a pobre moça. No entanto, a empreitada não teve êxito, sendo Clara e sua mãe humilhadas por D. Salustina, que sequer podia cogitar a possibilidade de ver a seu filho – delinquente e irresponsável, diga-se de passagem – casado com uma “negrinha”.

Cassi partira, fugira... Agora, é que percebia bem quem era o tal Cassi. O que os outros diziam dele era a pura verdade. A inocência dela, a sua simplicidade de vida, a sua boa fé, e o seu ardor juvenil tinham-na completamente cegado. Era mesmo o que diziam... Por que a escolhera? **Porque era pobre e, além de pobre, mulata.** Seu desgraçado padrinho tinha razão... Fora Cassi quem o matara (Barreto, 2012, p. 149, grifo nosso).



Clara vivera como que em transe – acreditando no sonho de que poderia seus sonhos se tornarem realidade – mas, ao perceber-se como mais uma vítima, viu que sua situação era dramática, tanto quanto a de Bacamarte: desvirginada, abandonada e grávida. Seus sonhos estavam destruídos.

Isso condiz com o comportamento social daquele momento. As mulheres ricas tinham que ter sua honra preservada, pois eram vistas como as mães de família. Por essa razão os homens ricos da sociedade viam nas moças suburbanas, objetos para seu uso, como um jogo de sedução, conquista e abandono. Com as moças pobres se divertiam, mas as moças de boas famílias ricas eram para o casamento, pois ainda tinham o benefício de ganhar o dote da candidata, que não era pouca coisa. No final das contas esses casamentos eram negócios bem lucrativos (Saturnino; Santos, 2015).

Nisso, o corpo de Clara segue sendo a representação do corpo preto do subúrbio, alçando a figura feminina ao centro da trama e, em vez da forma depreciativa inerente à alegre disponibilidade sexual, trata com respeito o drama da jovem preocupada com o futuro e iludida pela paixão adolescente (Duarte, 2019). Engravida e abandonada, a personagem procura a família do namorado e percebe, junto com as ofensas recebidas devido a sua cor, que, mesmo com a abolição da escravidão, o preconceito racial não cessara. D. Salustina a humilha: Ora esta! Você não se enxerga! Você não vê mesmo que meu filho não é para se casar com gente da laia de você!” (Barreto, p. 2012, p. 207)

A partir desse momento, não se sabe mais sobre Clara: se ela seguiu com a gestação, se casou, relatos de parto, nada mais. A narrativa se encerra com os devaneios e as decepções desse corpo preto, periférico, grávido e abandonado. Mesmo não sendo “a mulata assanhada”, portando-se como “menina recatada”, o sexo inter-racial tem, sim, consequências (Duarte, 2019).

Considerações finais

O corpo da mulher negra na nossa sociedade é alvo, há séculos, das mais diversas violências, sendo também representado através da nossa literatura, música etc.

Lima Barreto, no entanto, apropriou-se dessa realidade vivida por ele mesmo, que era preto, pobre e periférico e, em Clara dos Anjos, construiu uma narrativa que denuncia as condições sociais do povo “de cor”, oriundo de uma abolição que libertou, mas não deu quaisquer direitos.

Clara, nessa sociedade, é apenas mais uma das inúmeras mulheres que foram criadas para serem donas-de-casa, com excesso de cuidados para que a sua virgindade e pureza fossem mantidas, posto que essa era a única coisa que ela possuía que poderia levá-la a um casamento digno e uma possível ascensão social.

Entretanto, vítima de um algoz branco e de classe social mais abastada, vê-se grávida e abandonada, representando, assim, a realidade dos mais diversos corpos de mulheres negras daquele período – e, por que não, dos nossos dias – que eram visadas apenas para a satisfação da libido e do prazer sexual grotesco, o qual se resumia a retirar



a virgindade dessas mulheres, tal qual ganhar um troféu.

Pode-se dizer que essa obra é, até hoje, um retrato da condição social da mulher negra no nosso país, a qual precisa vencer diariamente a objetificação do seu corpo para o prazer de outrem.

Referências

ARAÚJO, Rogério Ferreira de. **Clara dos Anjos, de Lima Barreto, e o romance**: diálogo e ruptura com as estéticas naturalista e modernista. 2021, 81 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2012.

DA SILVA, Ana Gabriella Ferreira. **Representações do negro em Clara dos Anjos de Lima Barreto**. 2015, 124 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros. 2015.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários, Londrina, v. 17, p. 6-18, dez. 2009.

GUGLIOTTA, Alexandre Carlos; DA SILVA, Danielle Souza Fialho. A clara percepção de Lima Barreto: gênero e raça no romance Clara dos Anjos. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 17, p. 1-8, abr./jun. 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Marcos Hidemi de. **Pobre, mulata e mulher**: a estigmatização de Clara dos Anjos. Belo Horizonte: UFMG, 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/446-pobre-mulata-e-mulher-a-estigmatizacao-de-clara-dos-anjos>. Acesso em: 20 nov. 2024

NÓBREGA, Ana Gabriella Ferreira da Silva. Questões Raciais e de Gênero em Clara dos Anjos: Uma Proposta para a Sala de Aula. In: ASSIS, Lucia Maria; DOS SANTOS, Janete da Silva (org.). **Lima Barreto na sala de aula**: questões raciais e de gênero. São Paulo: Blucher, 2022. v. 2, p. 31-50.

NÓBREGA, Ana Gabriella Ferreira da Silva. Cabelo, corpo e sexualidade nas personagens femininas na obra Clara dos Anjos de Lima Barreto. In: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 7., 2019, Porto de Galinhas. **Anais [...]**. Porto de Galinhas: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2019. p. 100. Disponível em: <https://simelp.com.br/anais-simelp/publicacoes/AT031/PDF-trab-2006-1.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

OLIVEIRA, Débora Cristina Sousa. **Pobres, defloradas e, portanto, perdidas?** O crime de defloração em Clara dos Anjos e na Gazeta de Notícias no Rio de Janeiro republicano. 2022. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso de História. Departamento de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.



PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.

SATURNINO, Daiane dos Santos; SANTOS, Maiara Oliveira. **O subúrbio e a mulher em Clara dos Anjos, de Lima Barreto**. 2015. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura de Letras Vernáculas, Departamento de Ciências Humanas Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

VASCONCELOS, Eliane. **Entre a Agulha e a Caneta: a mulher na obra de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

VIEIRA, Edergenio Negreiros. Interseccionalidades de raça, gênero, machismo e sexismo na literatura insurgente de Lima Barreto. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 6, n. 3, p. 189-210, 2020.

NOTAS DE AUTORIA

Thaís de Matos Barbosa (thais.barbosa@servidor.uepb.edu.br, thais.m.barbosa@gmail.com) é doutora pelo Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba e professora substituta do curso de Letras (Língua Inglesa) da Universidade Estadual da Paraíba (Campus III – Guarabira). Graduada em Letras (Língua Portuguesa e Língua Inglesa) pela UFPB e integrante de grupos de pesquisa ligados à literatura insólita (Insolitum), estudos nórdicos (NEVE) e religião e gênero (TECLA). Bolsista da CAPES.

Gleza Alves de Melo (gleziaalvespsi@gmail.com) é doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba e graduada em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau (João Pessoa).

Agradecimentos

Agradecemos ao Departamento de Letras da UEPB (Campus III).

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

BARBOSA, Thaís de Matos; MELO, Gleza Alves de. Preta, pobre, periférica e grávida: a maternidade criminosa em Clara dos Anjos, de Lima Barreto. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-12, 2025.

Contribuição de autoria

Thaís de Matos Barbosa: leitura, execução e análise dos resultados e correção ABNT.

Gleza Alves de Melo: leitura, escolha do referencial teórico, execução e análise dos resultados bibliográficos.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Não se aplica.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal](#)



[de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 23/11/2024

Revisões requeridas em: 21/08/2025

Aprovado em: 20/11/2025

Publicado em: 02/12/2025

